

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

MARILDETE GOMES DOS SANTOS BARNABÉ

**A(S)CONCEPÇÕES(S) DE LINGUAGEM NOS PLANOS DE AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS – EJA**

Tangará da Serra/MT

2013

MARILDETE GOMES DOS SANTOS BARNABÉ

**A(S) CONCEPÇÕES(S) DE LINGUAGEM NOS PLANOS DE AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS – EJA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Tangará da Serra, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras – Português-Espanhol e respectivas literaturas, na área de Linguística, Letras e Artes.

Orientadora: Profa. Dr^a Mônica Cidele da Cruz

Tangará da Serra/MT

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

MARILDETE GOMES DOS SANTOS BARNABÉ

Tangará da Serra:

Monografia apresentada a UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso,
como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura plena em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Mônica Cidele da Cruz

Professorame.NeilaSaleteGhellerFroehlich

Professor Doutorando Isaías Munis Batista

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, especialmente, a minha mãe Maria Gomes de Almeida que incansavelmente ora por mim.

Ao meu esposo Simião Barnabé Netto, as minhas filhas Silmara Gomes Barnabé, Ellen Carla Gomes Barnabé, ao meu filho Wesley Carlos Barnabé e ao meu querido e estimado neto Vinícius Gabriel da Cruz Barnabé.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por nos ter dado o poder de aprender e compartilhar conhecimentos. A todos os professores que nos transmitiram tanta sabedoria, em especial, a minha orientadora Mônica Cidele da Cruz, por tanta paciência e compreensão. Agradeço a todos os companheiros de sala, especialmente, a Celestina Faria de Almeida, por ouvir meus desabafos e me aconselhar, e também a duas pessoas que moram em meu coração, que sempre me deram forças nesse caminho: Eliane Cristina Chieregatto e Maria Esperança Caballero Hirota. A todos da UNEMAT que, direta ou indiretamente, foram fundamentais para a realização do curso, as professoras que contribuíram comigo com os planos de aula e a todos os meus familiares, pois sem cada um deles eu não seria o que sou.

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como objeto de estudo as concepções de linguagem em planos de aula de Língua Portuguesa da modalidade de EJA, numa escola da rede pública estadual de Tangará da Serra-MT. As Orientações Curriculares incitam os professores refletir sobre a sociedade atual, para poder proporcionar aos alunos condições de exercerem a cidadania, constituindo em agentes participantes e transformadores da sociedade. Sendo esta uma das funções sociais da escola, torna-se relevante neste trabalho analisar as concepções de linguagem nos planos de aula de Língua Portuguesa na modalidade da EJA, pois o ato de ensinar a ler é bem mais que simplesmente decodificar e, por isso, a aula torna-se também uma ação política. Para subsidiar esta pesquisa, selecionamos como base teórica os autores, como: Freire, Geraldi, Travaglia, Durante, Naspolini e Antunes, além de documentos, como os Parâmetros Curriculares, as Orientações Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares de Estado de Mato Grosso que tratam sobre linguagem, especialmente, sobre o ensino de língua portuguesa. Para nossas análises, utilizamo-nos de dois planos de aula de Língua Portuguesa do Ensino Médio, da modalidade EJA, nos quais ainda prevalecem dois tipos de concepções de linguagem: expressão do pensamento e instrumento de comunicação.

Palavras-chave: língua portuguesa, concepções de linguagem, EJA, planos de aula

RESUMEN

Esta investigación presenta como objeto de estudio los conceptos de lengua en lengua portuguesa planes de lección del modo EJA, escuela pública estadual de Tangará da Serra-MT. Directrices curriculares provoca que a reflexionar sobre la sociedad actual, con el fin de proporcionar a los estudiantes con condiciones para ejercer la ciudadanía y los agentes participantes y procesadores de la sociedad. Ésta es una de las funciones sociales de la escuela, resulta relevante en este papel examinar los conceptos del idioma en los planes de la lección de la lengua portuguesa en el modo EJA, porque la ley de enseñanza de lectura es mucho más que simplemente decodificar y, por tanto, la clase se convierte también una acción política.

Para apoyar esta investigación, hemos seleccionado como base teórica los autores, como: Freire, Geraldi, Travaglia, durante, Napolini y Antunes, además de documentos tales como los parámetros curriculares, el currículo nacional lineamientos y directrices curriculares de Mato Grosso que tratan sobre el lenguaje, especialmente, sobre la enseñanza de la lengua portuguesa. Para nuestro análisis, así que los planes de la lección de la lengua portuguesa en la secundaria, modo EJA, en el que aún prevalecen dos tipos de conceptos de la lengua: expresión de pensamiento y comunicación instrumento.

Palabras claves : lengua portuguesa, conceptos de lengua, planes de lección, EJA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	12
1 A modalidade da EJA	12
CAPÍTULO II.....	15
2 O ensino da Língua Portuguesa nas Orientações Curriculares Nacionais e nas Orientações de Mato Grosso	15
2.1 Concepções de linguagem no ensino de Língua Portuguesa.....	16
CAPÍTULO III	20
3 O caminho da pesquisa e seus resultados	20
3.1 Análise do <i>corpus</i>	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

A língua é um meio distinto de interação entre os seres humanos, em todas as situações de comunicação há um interlocutor, as imagens criadas nesta interlocução definem os procedimentos linguísticos usados. Estudar a língua é identificar os compromissos que são criados na fala e as condições que devem ser preenchidas pelo falante, para que fale de certa forma em determinada situação de interação.

Sendo esta uma das funções sociais da escola, torna-se relevante neste trabalho analisar as concepções de linguagem nos planos de aula de Língua Portuguesa na modalidade da EJA, pois o ato de ensinar a ler é bem mais que simplesmente decodificar e, por isso, a aula torna-se também uma ação política.

Esta monografia consiste numa pesquisa bibliográfica, pois utilizou-se de livros e artigos. Também pode-se dizer que é descritiva, porquanto houve análises, correlacionando fatos. Empregou-se o método comparativo e qualitativo, o qual permite a comparação dos tipos de concepção de linguagem evidenciada nas análises dos planos de aula cedidos pelas professoras.

Para subsidiar esta pesquisa, selecionamos como base teórica os autores: Freire, Geraldi, Travaglia, Irandé Antunes, Naspolini e Durante, além de documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso que tratam sobre linguagem, especialmente, sobre o ensino de língua portuguesa. Esta monografia está estruturada em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo, apresentamos a modalidade da EJA em suas bases legais, no segundo, abordamos o ensino da língua portuguesa dentro das Orientações Curriculares Nacionais e Orientações Curriculares de Mato Grosso e, no terceiro capítulo, apresentamos a análise do *corpus* desta pesquisa.

CAPÍTULO I

1. A MODALIDADE DA EJA

A modalidade da EJA traz em sua história as marcas das lutas pela educação, ela é fruto de tentativas e resultado de inúmeras campanhas de governo. Desde o final da segunda guerra mundial, quando teve início o processo de industrialização e com ele a necessidade de mão de obra cada vez mais qualificada, houve por parte dos governos tentativas de erradicar o analfabetismo, entre elas podemos citar: Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958, Governo Juscelino Kubitschek); Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL – Governos Militares); Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos – Educar (1985, Governo José Sarney) ; Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC (1990, Governo Fernando Collor de Mello); Declaração Mundial de Educação para Todos (1993, assinada pelo Brasil em Jomtien, Tailândia); Plano Decenal de Educação para Todos (1993, Governo Itamar Franco); Programa Alfabetização Solidária (1997, Governo Fernando Henrique Cardoso). Em 2003 foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado que ainda esta em andamento na perspectiva de erradicar o analfabetismo no Brasil.

Foi a partir do modelo de educação de adultos, pensado por Paulo Freire que o ensino da EJA adquiriu um modelo pedagógico próprio que leva em conta o saber do aluno, pois necessita ser um ensino que junte a experiência de vida com o saber científico.

Diferente do que acontece com as crianças, os alunos desta modalidade vêm para a escola com os saberes do senso comum já formulados, por isso, o ensino toma outra referência, ou seja, a experiência de vida deste aluno lhe confere maior habilidade na aquisição do processo de leitura. No entanto, os alunos da EJA são pessoas que passaram muitos anos fora do ambiente escolar, muitos deles trazem consigo conceitos pré-estabelecidos sobre o que é o ensino, conceitos baseados nas poucas experiências que tiveram no contato com a escola.

Sendo assim, cabe ao professor definir junto com os alunos a forma como trabalhar língua portuguesa. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais:

(...) a língua pode ser instrumento de poder, um meio pelo qual indivíduos controlam outros ou resistem a este controle; um meio

a ser utilizado para promover mudanças na sociedade ou para impedi-las; para afirmar ou extinguir identidades culturais; enfim, dominar a linguagem, em seus aspectos linguísticos, textuais e discursivos, das condições de os alunos participarem ativamente da sociedade. (OCN, 2010, p. 101/102).

Para o ensino da EJA, a politização do aluno se constrói na junção dos saberes que eles trazem para a sala de aula e aqueles que adquirirão no decorrer do tempo escolar. Por isso, é fundamental que o professor saiba aproveitar-se destas experiências para construir a compreensão sobre o uso das linguagens.

No processo escolar é importante muitas vezes romper com os paradigmas criados durante a vida escolar anterior do aluno da EJA, pois muitos deles foram marcados por uma educação extremamente tradicional e autoritária, cuja concepção de ensino não é a mesma dos nossos dias.

A escola não é um espaço de transmissão e reprodução de conhecimentos, por isso aceitar a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais e, a partir daí, pensar o processo educacional implica uma mudança de postura não só em relação à educação, ao fazer pedagógico, como também em relação à vida em uma sociedade dividida em classes sociais. Ensinar a língua significa possibilitar o acesso a usos da linguagem mais formais e convencionais, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (OCN, 2010, p.100).

A educação no Brasil, de uma maneira geral, trouxe estruturas e condições de uma educação dualista, separando-a em dois pólos: de um lado os que detinham o poder e de outro os analfabetos de baixa renda. A escola passou por diversas visões políticas, na época da industrialização em massa, por exemplo, o estudo era voltado para a produção técnica em série.

Hoje sabemos que a nossa relação de professor com a escola tem em conta que o conhecimento é o ver, ouvir, praticar e sentir, conforme as OCN:

Finalmente, há que observar que esse processo não é apenas racional, nele intervindo afetos e valores, percepções e intuições, que embora fruto das experiências inscreve-se no âmbito das emoções, ou seja: no campo do sentido, do irracional. Dessa perspectiva, o ato de conhecer resulta do desejo de conhecer, de uma vasta e por vezes impensável gama de motivações e é profundamente significativo e prazeroso enquanto experiência humana. (OCN, 2010, p. 32)

A linguagem e, em especial, a disciplina de Português traz também a responsabilidade de oferecer uma interação verdadeira entre todos em nossa sociedade. Dessa maneira, faz-se imprescindível uma política de metodologias que supram as necessidades encontradas no cotidiano escolar.

A EJA, em especial, com alunos em idade produtiva, requer uma metodologia específica que resolva, extraclasse, as dificuldades dos discentes. Para isso, o Currículo deve basear-se nas dificuldades e necessidades encontradas observando o contexto no qual esta a escola esta inserida.

Com o Decreto nº 5840/06 que oficializa o Projeto de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA como um programa que atende aos EJA's e CEJA propõe a integração entre trabalho ciência, técnica, tecnologia, humanização e cultura geral.

A fundamentação desse programa tem por objetivos, com base nas OCN:

1. Inclusão;
2. Inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional;
3. Ampliação do direito à educação básica, pela universalização do Ensino Médio.
4. Trabalho como princípio educativo;
5. Pesquisa como fundamento da formação;
6. Condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais. (OCN, 2010, p.86)

As Orientações Curriculares tentam trazer a clareza da sociedade que temos, para poder proporcionar aos alunos condições de exercerem a cidadania, sendo agentes participantes e transformadores da sociedade. Neste sentido, as Orientações Curriculares têm em vista uma política democrática para assegurar o ensino da EJA.

CAPÍTULO II

2. O ensino da Língua Portuguesa nas Orientações Curriculares Nacionais e nas Orientações de Mato Grosso

A modalidade da EJA tem como objetivo corrigir o alto índice de analfabetismo presente em nosso país. Segundo dados recentes do IBGE¹, cerca de 33 milhões de brasileiros são considerados analfabetos funcionais, ou seja, não dominam o processo de leitura e escrita.

Nas últimas décadas, no entanto, o conhecimento passou por um processo de supervalorização, obrigando os brasileiros a procurar a educação formal. Mediante esta nova realidade, o estado brasileiro se viu forçado a encontrar maneiras de adequar no ambiente escolar as pessoas que, por um motivo ou outro, não tiveram condições de frequentar a escola no tempo convencional.

Foram então produzidas pelo MEC as Orientações Curriculares Nacionais, estabelecendo exclusividade de organização para a modalidade de EJA. “... o que significa assumir que para esse público a modos próprios de fazer a educação segundo as características do sujeito, suas trajetórias de vida e trabalho”. (OCN, 2010, p. 99)

Desta forma, quando pensamos no ensino da língua, pensamos na formação cidadã do indivíduo, uma vez que o domínio na língua escrita é uma exigência social, e que a capacitação de um sujeito crítico é uma necessidade pessoal. Assim, uma das preocupações das OCN é a formação qualitativa do estudante da EJA, uma vez que este já foi privado da educação no tempo convencional.

De todas as maneiras de se trabalhar a língua portuguesa, temos que levar em conta que uma de nossas maiores dificuldades encontra-se, principalmente, na leitura e na escrita. Em relação a isso, os PCN destacam que:

(...) é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a consequência natural dessa ação (...) É preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler

¹<http://www.ibge.gov.br>

usando os procedimentos que os bons leitores utilizam (...) Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. (BRASIL, 1997, p. 55 e 57).

Neste sentido, as aulas de leitura devem ser trabalhadas de maneira a fazer com que o aluno não só decodifique o que lê, mas tenha o entendimento da compreensão e interpretação de cada leitura, essa compreensão do texto leva o cidadão a outras dimensões, outros contextos, outras culturas, outras verdades.

2.1 Concepções de linguagem no ensino de Língua Portuguesa

A linguagem pode ser entendida como a prática social da língua, isto significa que a é por meio da linguagem que ocorre a comunicação. Por isso, a língua não pode ser entendida apenas como um conjunto de palavras e combinações, pois o exercício da linguagem altera este significado, atribuindo-lhe vivacidade. Para Franchi,

...antes de ser para a comunicação, a linguagem é para a elaboração; e antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento; e antes de ser veículo de sentimento, ideias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos nossas ideias (BRITO, p.154 apud FRANCHI, 1997:25)

Assim sendo, compete ao professor de Língua Portuguesa compreender que o aluno, sobretudo, o aluno da EJA não é um ser passivo, mas alguém que, no contexto comunicativo, vai interferir na constituição dos significados. Para Travaglia (2009 p.23) a linguagem é um lugar de interação humana e comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Assim, compreender a função das concepções de linguagem é fundamental se o que se busca é realmente a formação qualitativa da pessoa.

São três as concepções de linguagem e é fundamental que o professor as conheça, pois é a partir delas que ele organizará de modo consciente ou não o trabalho pedagógico. Num momento de crise do ensino como este que vivemos conhecer estas concepções é

estar em constante questionamento sobre o que se ensina como se ensina e porque se ensina.

No que se refere a concepções de linguagem, Geraldi (2002), afirma que existem três tipos: a primeira, denominada Expressão do Pensamento tem como base os estudos tradicionais, os quais ilustramos a seguir:

1. Identifique o número de fonemas de cada uma destas palavras:

Caixote () pilha () chato () foguete () pedaço ()

Nesses exercícios, podemos verificar que a língua é concebida como expressão do pensamento porque levam em consideração as regras da gramática normativa: identificar e classificar. Essa concepção reduz o foco de visão sobre a *linguagem*, pois nela a gramática é usada como um manual de regras a ser seguido, minimizando o esforço mental do aluno. Essa concepção está vinculada ao ensino prescritivo, que segundo Travaglia objetiva levar o aluno a substituir os padrões de atividade linguística dos errados/inaceitáveis para os certos/aceitáveis, ou seja, priorizar a norma culta da língua.

A segunda concepção de linguagem é a instrumento de comunicação. Ela apresenta alguns pontos comuns com a linguagem como expressão do pensamento, pois aqui não ocorre o abandono da prática do ensino da gramática tradicional, a língua é entendida como um código, cuja transmissão das mensagens se fazem por meio de emissor e receptor

A gramática é ensinada baseada em exercícios estruturais morfo sintáticos, mecânicos, em que se espera que ocorra a internalização inconsciente de hábitos linguísticos específicos da norma culta ou padrão. Um exemplo de exercício dessa concepção é:

Conjuguem o verbo “acordar” no presente do indicativo.

Esta concepção não demonstra preocupação com a formação do leitor crítico exigido em nossos tempos, mas somente com o leitor que consiga decodificar a mensagem e extrair informações do que lê no texto. Na produção escrita é colocada em primeiro lugar a estrutura do texto e o ensino da língua é realizado de forma superficial e descontextualizado. Para Perfeito:

[...] com o objetivo de aumentar a fluência dos *escritores*, a prática de colocar as ideias no papel é antecedida de um reforço por parte do professor. Desse modo, comportamentos que aumentem a fluência do aluno são reforçados positivamente e vice-versa. Ainda a visão estrutural da frase transfere-se aos textos, analisados segundo a tipologia

tradicional: narração, descrição e dissertação. E o período das *técnicas de redação*. Perfeito (2005, p.42).

O que permanece nesta concepção de fato é a ideia de um ser passivo, pois estabelece sobre a língua uma visão formalista, ou seja, “que a separa do homem no seu contexto social” (TRAVAGLIA, 2009, p.22). Esta concepção está associada ao ensino descritivo, pois mostra como a linguagem funciona e como é determinada língua em particular; levam em conta as variações linguísticas, conforme Travaglia (2002).

A terceira concepção é a linguagem como ‘Forma de Interação’. No que se refere a ela, o uso que as pessoas fazem da língua tem como objetivo a articulação de ideias entre os falantes. Em se tratando do ensino, Antunes defende que: “... não haveria, em separado, aulas de gramática, aulas de interpretação e aulas de redação. Tudo estaria articulado, tal qual como está quando realizamos qualquer atividade de linguagem” (2007, p.154). Desse modo, entendemos que a linguagem pode ser concebida nas mais variadas situações de comunicação.

De acordo com Travaglia (2002), “o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor” (TRAVAGLIA, 2002, p. 23).

Sendo assim podemos verificar esta interação nos seguintes exemplos:

- A) Qual a relação entre o assunto desse texto e a tela Catarata?
- B) Quais são as semelhanças e as diferenças entre o texto e a História de um rio?
- C) Na sua opinião, porque o autor diz que em Foz do Iguaçu se encontra um resumo do mundo, passado a limpo?

Essa proposta sugere que o aluno faça relação entre os textos usando seu conhecimento de mundo de forma que fique descartada a ideia de que aprender português seja somente decodificar ou realizar atividades de repetição. Ainda de acordo com o autor, esta concepção está vinculada ao ensino produtivo, que para ele é sem dúvida o mais adequado à consecução do primeiro objetivo da língua materna, pois almeja proporcionar ao aluno o desenvolvimento da competência comunicativa.

Portanto, para esta concepção, os processos que constituem a linguagem são históricos e sociais e trazem consigo a leitura de mundo de seus produtores, como diz Geraldi (1996, p. 41) “... a língua não é um sistema fechado, pronto e acabado de que

poderíamos nos apropriar. No próprio ato de falarmos, de nos comunicarmos com os outros, pela forma como o fazemos, estamos participando, queiramos ou não do processo de constituição da língua”. Ou seja, o indivíduo que faz uso da língua não é inerte, mas alguém que modifica a constituição dos significados no ato comunicativo. Sendo assim, podemos dizer que na relação entre a linguagem e o social há uma correspondência que precisa ser levada em conta no estudo da língua, fazendo com que o melhor lugar para o estudo da mesma seja o discurso que se materializa na forma de um texto.

Desse modo, podemos dizer que na concepção interativa da linguagem, o discurso se estabelece por meio do texto e todo texto se constitui por meio de discursos.

CAPÍTULO III

3. O caminho da pesquisa e seus resultados

O *corpus* desta pesquisa consiste na análise de dois planos de aula de Língua Portuguesa das turmas da EJA do Ensino Médio.

A realização dessa pesquisa consistiu em várias visitas á escola para obter a coleta dos planos de aula, pois houve uma certa resistência por parte da direção da escola, e também de alguns professores que recusavam a ceder o plano de aula. Mas depois de muita insistência e explicações sobre o objetivo da pesquisa, foi possível conseguir alguns planos de aula com duas professoras, os quais serão apresentados no decorrer do trabalho.

A professora, autora do plano de aula A, é efetiva na instituição, com carga horária de 30 horas semanais, é formada em Letras pela UFMS. Tem especialização em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, com formação continuada. Está em sala de aula há mais de 20 anos, atuando na rede estadual. Atualmente trabalha com o 1º e 3º ano do ensino médio na modalidade EJA.

A professora, autora do plano de aula B, atua na instituição há 4 anos como professora interina, com carga horária 30 horas semanais, é formada em Letras, pela UNEMAT e especialista em Literatura Mato-grossense. Atualmente trabalha com turmas do 2º ano do ensino médio da modalidade EJA. Ambas as professoras são casadas.

3.1 Análise do corpus

Plano A

CEJA: Tema Global: Qualidade de Vida

CEJA: Subtema: Campo ^{Atual} conceitual e família

Leitura e interpretação de textos

► texto: A mensagem família

► Foi trabalhado nesse texto:

► leitura e comentário sobre a família

► interpretação escrita

► Questões

► produção de texto: Minha família (usa do como tema da produção do texto)

► A importância do ato de ler:

► Foi exibido um vídeo instigando e incentivando o aluno a ler, com muitas figuras ilustrativas.

► Foi solicitado livro literário; de preferência: Romance.

► resumo do livro (trabalho de casa)

► proposta de sequência de trabalhos; apresentar à classe para os colegas; com o objetivo de escolher o romance mais bonito, emocionante ou algo que mais chamou atenção no momento; e apresentar aos colegas; em forma de uma teatral

► apresentar em forma de paródia

► apresentar em forma de poema

FUNNY LOVE

Escrita e Apresentação de slides

- O processo da escrita;
- produção de texto; contexto; condições de produção; momento da escrita; as operações da escrita.

As qualidades de um texto:

- concisão
- correção
- clareza
- elegância

A definição de redação:

Tipos de redação

- descrição
- apresentação de figuras no slide, inventar a caracterizar ambientes, explorar a natureza.
- texto imaginário, fictício ou real
- Trabalho de interdisciplinaridade com exposição do trabalho; descrição/desenho. (prof: Mts)

Sugestão: A definição da narração:

- um fato ocorrido no ambiente
- pessoas ideais como referência
- um texto referente com esse tema; o texto "tabela de madeira".

Classes Gramaticais

Substantivo → classificação,



FUNNY LOVE
 formação, gênero e plural dos substantivos
 → Lúdico

Das demais 1º Ano, o que foi trocado
 ficou diferente com o 3º Ano →
 → Foi Sujeito e Predicado Verbal



O plano A com tema gerador: “Qualidade de vida: Família” foi planejada para ser desenvolvido durante um trimestre, interdisciplinarmente com a disciplina de Artes, por meio de leituras de textos, romances, interpretação oral e escrita, produção de texto, dramatização, paródia, poemas, vídeos, imagens, tipo de texto: descrição e narração. De acordo com Melo (2010, p.112), “a interdisciplinaridade promove a cooperação entre as disciplinas, estas interagem de forma coordenada e planejada a partir da seleção de um foco de trabalho, entendido como o sucesso na proposta de ensino aprendizagem.”

Em relação à gramática, pela proposta, o plano apresenta para trabalhar o substantivo: classificação, formação, gênero e número, sujeito e predicado, podemos observar que o ensino da Língua Portuguesa ainda prioriza a gramática como aspecto importante, contudo, é importante lembrar que não deve ser ela somente o ponto para onde convergem as atividades de ensino. A maneira como está proposto o trabalho com a classe gramatical dos substantivos sinaliza para a concepção de linguagem como expressão do pensamento, pois segundo Geraldi (2002), essa concepção tem como base estudos tradicionais que levam em consideração as regras da gramática normativa, utilizando-se de termos como identificar e classificar.

Neste sentido, Antunes (2007) defende que “para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente”. Outro ponto gramatical apresentado no plano, sujeito e predicado verbal, também aponta para uma abordagem tradicional da gramática, ou seja, a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, que, de acordo com Geraldi (2002), está ligada à teoria de

comunicação e a língua é vista como um código, permitindo assim a transmissão de determinada mensagem, na interação entre emissor e receptor.

Quanto à produção de texto percebe-se que, embora a professora mencione as condições de produção que são aspectos da linguagem como forma de interação, adiante ela propõe o trabalho de redação:

A definição de redação:
 Tipos de redação
 - descrição
 - apresentação de figuras no slide, intentar a caracterizar ambientes, explorar a natureza.
 - textos imaginários, fictícios ou reais
 - Trabalho de interdisciplinaridade com exposição do trabalho; descrição/desenho. (prof. MTS)
 sugestão: A definição da narração:
 - um fato ocorrido no ambiente
 - pessoas ideais como referência

Segundo Geraldi (2002), apud Costa (2012, p. 27):

A redação é apenas o ato de escrever textos na escola sem reflexão alguma, são textos sem criticidade e não apresentam a leitura de mundo do aluno. Já a produção textual, se relaciona a textos mais ricos em termos de conhecimento, reflexão, e mostra a visão crítica do escritor. A produção também possui um motivo para ser escrita, e deve ter também um destinatário, ao contrário da redação, que é escrita apenas para simples exercício e obtenção de nota na escola.

Pela proposta de descrição apresentada no plano de aula, percebe-se que não há a produção textual, pois apenas descreverão o ambiente, ou as imagens mostradas no slide:

- apresentação de figuras no slide, intentar a caracterizar ambientes, explorar a natureza.

Observa-se que não há uma intenção de produzir, o que escrever, para quem escrever, uma reflexão crítica sobre o tema e sim a função de descrever, pois a redação, na

maioria das vezes, são temas que não propiciam muita criticidade, ocorrendo o que Geraldi (2002) aponta na linguagem como um instrumento de comunicação, na qual a língua é entendida como um código, cuja transmissão de mensagem se faz por meio de emissor e receptor.

Neste plano de aula ficou caracterizado o ensino descritivo, o qual mostra como a língua funciona e como é determinada língua em particular, não levando em conta as variações linguísticas, estabelecendo sobre a língua uma visão formalista, “que separa o homem do seu contexto social” (TRAVAGLIA, 2009, p. 22). Isso contribui para a formação de um ser passivo.

Segue adiante a análise do Plano B, de outra professora letrada, também do Ensino Médio da mesma escola.

Plano B

→ 2º Ano CEJA matutino e vespertino.

Textos literários e temáticos: leitura, interpretação e produção de texto.

♥ Oficinas: aulas práticas e lúdicas relacionadas ao conteúdo.



STUDIOS
Predicado verbal, nominal e verbo-nominal;

- concordância verbal e nominal;
- Orações coordenadas
- Orações subordinadas

Produção de texto

→ sobre família

→ tipos de predicado

♥ → texto "amor de mãe na infância fundamente".

→ discussão sobre o texto lido, e elaboração de um texto semelhante ao que foi lido.

→ Filme de "Percy Jackson e o ladrão de raios".

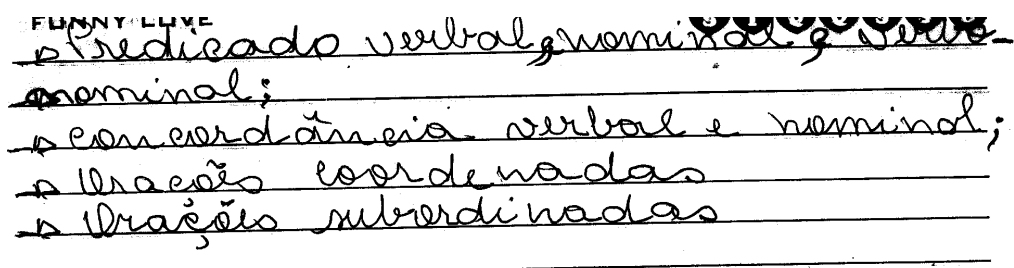
→ comentário sobre o filme e uma pesquisa sobre a mitologia grega.

→ trabalho de pesquisa foi terminado em casa.

Percebemos no plano de aula da segunda professora, características da concepção de linguagem como instrumento de comunicação, Segundo Zanini (1999), esta concepção está baseada num ensino que privilegia a estrutura da língua, dando ênfase na “Teoria da Comunicação”. Aparecem muitas nomenclaturas gramaticais o que sugere um ensino voltado para a preocupação com a estrutura da língua e modelos a seguir. Sobre isto, Antunes (2007) afirma que é preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia.

É importante ressaltar que ao ensinar Língua Portuguesa não se deve desconsiderar a função da gramática, mas considerar que a língua é muito mais que regras gramaticais, pois é por meio dela que socializamos e interagimos que nos sentimos pertencentes a um grupo, de acordo com Antunes (2007, p. 25) (...) “a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes”.

Neste plano pode se observar a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, com um ensino descritivo da língua em relação à gramática,

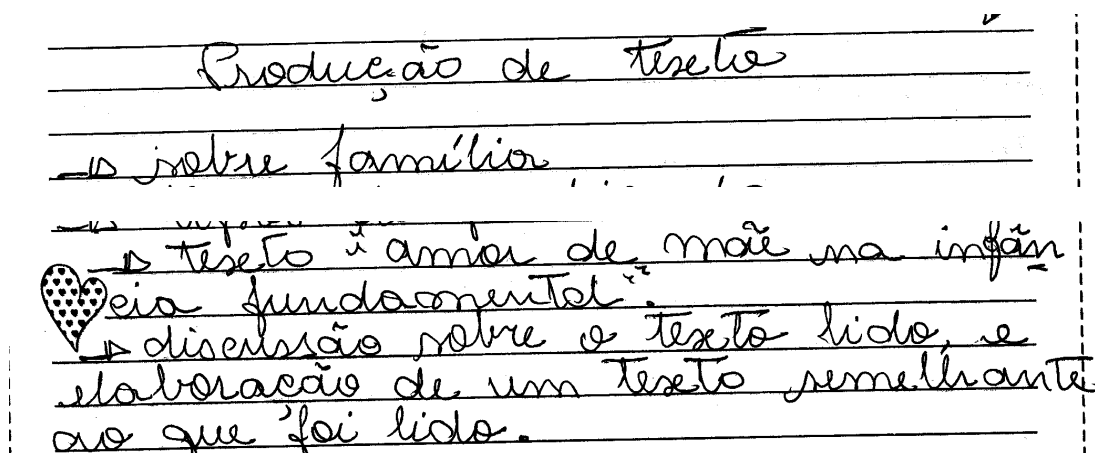


FUNNY LOVE
 Predicados verbal, nominal e verbo-nominal;
 concordância verbal e nominal;
 orações coordenadas
 orações subordinadas

Segundo Travaglia (2002, p. 39)

O ensino descritivo objetiva mostrar como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona [...] O ensino descritivo existe não só a partir das gramáticas descritivas, mas também no trabalho com as gramáticas normativas; todavia, nestas a descrição feita é só da língua padrão [...]

Com base no que diz Travaglia, podemos entender que a gramática é ensinada baseada em exercícios estruturais morfofossintáticos, mecânicos em que se espera que ocorra a internalização inconsciente de hábitos linguísticos específicos da norma culta. Na produção escrita, é colocada em primeiro lugar a estrutura do texto e, o ensino da língua é realizado de forma superficial e descontextualizado. Embora a professora faça menção à produção escrita no plano de aula, a proposta para a produção de texto traz características da redação:



Neste tipo de atividade, o aluno precisa apenas reproduzir a informação da professora, cumprindo instruções. Para Perfeito:

[...] com o objetivo de aumentar a fluência dos *escritores*, a prática de colocar as ideias no papel é antecedida de um reforço por parte do professor. Desse modo, comportamentos que aumentem a fluência do aluno são reforçados positivamente e vice-versa. Ainda a visão estrutural da frase transfere-se aos textos, analisados segundo a tipologia tradicional: narração, descrição e dissertação. E o período das *técnicas de redação*. (2005, p.42).

O que demonstra de fato nesta concepção utilizada pela professora é a formação de um ser passivo, pois estabelece sobre a língua uma visão formalista. Seria interessante e mais produtivo que a professora enfatizasse aos diversos gêneros textuais, formando novos conceitos antes de uma produção, expressando opiniões e críticas, trocando textos entre colegas para correção, reescrevendo os textos, a fim de formar pessoas que saibam exercer sua cidadania através da expressão escrita, interagindo com o meio através da palavra.

De acordo com Travaglia (2000, p. 23), “[...] o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor [...]”. Portanto, caso não haja o agir, o atuar sobre o outro dificulta a interação entre a linguagem e a vida de um ser político.

Enfim o plano de aula abordou a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, vinculada a um ensino descritivo, considerado tradicional, que não contribui para a formação de leitores e produtores de textos críticos e competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas reflexões sobre as concepções de linguagem nos planos de aula de Língua Portuguesa, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do Ensino Médio do CEJA Antônio Casagrande, compreendemos a proposta da EJA e as diversas concepções de linguagem, conseguindo identificar através das análises dos planos de aula o tipo de linguagem predominante no ensino proposto.

Conforme Geraldi (2002), há três tipos de concepções de linguagens: Expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação. E dentro dessas concepções Traváglia (2002), aborda três tipos de ensino: Prescritivo, Descritivo e Produtivo.

O ensino prescritivo fundamenta-se na concepção linguagem como expressão do pensamento, ou seja, baseia-se em normas, regras e em alunos passivos diante do recebimento de informações sólidas e fixas.

O ensino descritivo fundamenta-se na concepção de linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, onde ocorrem os primeiros diálogos diante de uma interação entre alunos e professores, entre emissor e receptor.

O ensino Produtivo fundamenta-se na concepção de linguagem como forma de interação, ou seja, é uma manifestação de preocupação de que o aluno torne-se ativo e reflexivo em suas produções e estudos de linguagens, transformando-os em ser transformador da realidade em que vive.

Sendo assim, compreendendo a linguagem dentro da relação de poder e vendo a importância de formar seres atuantes, que fazem uso da linguagem como expressão de suas intenções, coerente com o meio em que vivem, conclui-se no final desta discussão que a linguagem como instrumento de comunicação tem prevalecido nas salas de aula desta escola, lembrando que esta propicia a formação de um indivíduo passivo, não alcançando assim o objetivo proposto pela modalidade. Já o ensino enfatizado é o descritivo, pois tem apontado como a linguagem funciona como é determinada língua, levando em conta as variações linguísticas.

Através das análises dos planos de aula, chegamos à conclusão que a modalidade de Educação de Jovens e Adultos tem um programa muito bom proposto na área de

linguagem, porém percebemos uma metodologia voltada para o ensino da língua ainda considerado bastante tradicional, portanto torna se preocupante, pois são professoras com especialização na área que atuam.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégia de Ensino; 5)

BRASIL, SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: 1º e 2º ciclos*. Brasília: SEF, 1997.

COSTA, Mariana Moreira; SANTOS, Rayene Daniela SANTOS; SILVA, Valquíria Rezende. *Redação e produção de texto: a importância da leitura e a prática docente*. Revista Eletrônica de Letras, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rel/article/view/407>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

DURANTE, Marta. *Alfabetização de alunos: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas/SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.

_____. (org.). *O texto em sala de aula*. 3ª ed. Editora Ática, 2002.

MATO GROSSO. *Orientações curriculares: Área de linguagens: Educação Básica*./Secretaria de Educação de Mato Grosso. Cuiabá. SEDUC, 2010.

MELO, Silene Macedo de; OLIVEIRA, Rosenilda Gragel; ARAKAKI, Dulcinéia Aparecida Se. *Experiências Pedagógicas do Ceja*. Tangará da Serra. IDEIAS, 2010.

NASPOLINI, Ana Tereza. *Tijolo por tijolo: prática de ensino de língua portuguesa*. volume único: livro do professor/Ana Tereza Naspolini. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

PERFEITO, A. M. *Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa*. In: SANTOS, A. R. dos; RITTER, L. C. B. (org.). *Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa*. UEM, 2005.

RODRIGUES, Maria Magalhães. *A importância do ensino produtivo para o estudo de gramática*. 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-ensino-produtivo-para-o-estudo-de-gramatica/68896/>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZANINI Marilurdes. *Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna*. 1999. Disponível em:
<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4189/0>>.
Acesso em: 1 nov. 2013.